

JULHO 2026



Revista Digital
Diálogos
TEOLÓGICOS

2026
NO.3



Editor

F. Maia

Direção de Arte

Equipe *Dialogus*

Fotografia

Equipe *Dialogus*

Conselho Editorial

Adão Freitas
Caio Fábio de Melo
Carlos del Pino
Eduardo Soares
Fernando Maia
Mendes Jaime Gimo
Samuel Suana

A *Revista Digital Diálogos Teológicos* é uma publicação evangélica protestante do **InTeR - Instituto de Teologia Reformada**, de alcance nacional e internacional, voltada aos falantes da língua portuguesa. Trata-se de uma iniciativa independente, não vinculada a nenhuma denominação específica. Seu propósito é promover a reflexão teológica e servir como fonte de inspiração e formação para seminaristas, presbíteros e diáconos, bem como para educadores cristãos, visando à capacitação qualificada para o exercício de seus ministérios e para a atuação responsável nas diversas esferas da vida e da sociedade.

Copyright © 2026
Por *Dialogus Editora*

Todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por quaisquer meios sem autorização, seja eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, e sem permissão expressa por escrito do autor. Os infratores estarão sujeitos às penas da Lei de Direitos Autorais, Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Cópia não autorizada é crime regulamentado pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Dialogus Editora
Goiânia-Goiás-Brazil

Informações:
dialoguseditora@gmail.com

www.dialoguseditora.org

Colaboradores nesta edição



Carlos del Pino

Carlos del Pino

Pastor da Igreja Presbiteriana fe y Vida (Espanha); Mestre e Doutor (Phd) em Teologia prática.



Eduardo Gonçalves

Eduardo Gonçalves

Bacharel em Teologia pela FABAPAR; Pastor na Igreja Batista Calvário; Pastor interino na Igreja Batista da Fama; Diretor de Campo da REACH na Amazônia brasileira, peruana e colombiana.



Fernando Maia

Fernando Maia

Teólogo e Historiador; Bacharelado em Psicologia e Licenciando em Filosofia; Diretor do InTeR - Instituto de Teologia Reformada.



Marcus Vinícius

Marcus Vinícius de Melo

Biólogo pela Universidade Federal de Goiás; Mestre em Análise de Geoprocessamento pela Universidade de Guarulhos; Pastor na Igreja Família Debaixo da Graça de São Miguel Paulista; Líder do Ministério de Educação Cristã; Professor Efetivo de Ciências da Prefeitura de São Paulo; Pesquisador e Escritor.



Thiago Cardoso Nunes

Thiago Cardoso Nunes

Pastor da Igreja Presbiteriana de Confissão Reformada - Itaocara - RJ; Bacharel em Linguística; Mestre e Doutor em Teologia (Exposição Bíblica); atualmente concluindo seu PhD em Dogmáticas Reformadas.

JULHO 2026



Revista Digital
Diálogos
TEOLÓGICOS

**2026
NO.3**



➡ Nesta edição:

MISSÃO

- Missões na Amazônia: O Evangelho Entre os Povos!
- Igreja confessional no meio evangelical

TRILHAS FORMATIVAS

- Texto e Contextos
- Fundamentos iniciais para a construção da criticidade cristã

DIALOGANDO COM LIVROS

- Para que serve a teologia?



Fernando Maia

EDITORIAL

Ampliando nossa perspectiva missional

Nesta edição, sua compreensão sobre o significado da vida cristã poderá ampliar-se consideravelmente. Em primeiro lugar, o Rev. Carlos del Pino continua a nos apresentar importantes perspectivas para uma aproximação fiel do texto bíblico, demonstrando que tanto o leitor quanto as Escrituras estão inseridos em contextos que precisam ser cuidadosamente considerados no processo de interpretação. Em seguida, no segundo artigo amplio essa reflexão ao mostrar como a Palavra inspirada de Deus forma uma consciência crítica capaz de discernir as tensões do contexto em que vivemos e responder biblicamente aos desafios de um mundo marcado pela queda.

Essa percepção torna-se ainda mais concreta quando o Rev. Thiago Cardoso compartilha sua experiência na plantação de uma igreja confessional em um contexto de forte influência do evangelicalismo contemporâneo, evidenciando os desafios de permanecer fiel ao Evangelho em meio às pressões da cultura religiosa vigente.

Em contraste com esse cenário de tensões, o pastor Marcus Vinícius nos oferece um momento de profundo refrigério ao compartilhar sua experiência de leitura da obra *Para que serve a Teologia?*, de Alister McGrath, mostrando como a reflexão teológica pode renovar nossa compreensão da fé e fortalecer nossa caminhada cristã.

Por fim, o pastor Eduardo Gonçalves nos presenteia com o relato de sua mais recente experiência missionária. Trata-se de uma verdadeira jornada pelo interior da Amazônia, proclamando o Evangelho e fazendo discípulos entre povos ainda pouco alcançados, em obediência à ordem de nosso Senhor: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (cf. Mt 28.18–20).

Meu desejo é que a leitura desta terceira edição da Revista Digital Diálogos Teológicos desperte em você um amor ainda maior pelas Escrituras, pela teologia, pela Igreja e pela missão de Deus no mundo. Que cada página o encoraje a participar, com fidelidade e esperança, daquilo que o Senhor continua realizando entre as nações.

Abraços fraternos!



05

LER, MEDITAR E VIVER

Texto e Contextos

Por Carlos del Pino

09

TRILHAS FORMATIVAS EM TEOLOGIA

Fundamentos iniciais para a construção da criticidade cristã

Por Fernando Maia

13

PLANTANDO IGREJAS

Igreja confessional no meio evangelical

Por Thiago Cardoso Nunes

18

DIALOGANDO COM LIVROS

Para que serve a teologia?

Por Marcus Vinícius de Melo

23

RELATOS DO CAMPO MISSIONÁRIO

Missões na Amazônia: O Evangelho Entre os Povos!

Por Eduardo Gonçalves



Carlos del Pino

Ler, Meditar e Viver

Texto e Contextos

"Todo discípulo deve ser semelhante a Cristo – sua imagem – mas nem todo discípulo é semelhante a Cristo exatamente da mesma maneira. Discípulos não são imagens duplicadas, e sim imagens 'adequadas' de Cristo. A igreja não é uma linha de produção que fabrica as mesmas imagens de Jesus." 1[1]

“

No artigo anterior nos dedicamos a introduzir algumas ideias básicas sobre as possíveis aproximações que fazemos ao texto bíblico. Tentamos resumir as várias possíveis leituras bíblicas em três grandes grupos principais: a aproximação científica, a aproximação intuitiva e a aproximação contextual. Ao comentar sobre esta última demos alguma ênfase no fato de que a abordagem hermenêutica contextual procura entender o sentido original do texto bíblico, além de compreender também a situação atual da qual fazemos parte para que possamos construir uma ponte adequada que nos leve do contexto original do texto aos nossos distintos contextos atuais. Dessa forma, procura-se valorizar ambos os aspectos do trabalho hermenêutico, o de compreender a situação em que se originou o texto e a situação em que vive o leitor atual. Nesse sentido, como mencionamos então, “a análise do contexto é parte da tarefa hermenêutica” [2].

No artigo de hoje pretendemos ampliar

um pouco mais essa dimensão contextual da tarefa interpretativa, ao mostrar que ela se compõe ao menos de três ambientes personalizados, mas que, durante o processo interpretativo, vinculam-se entre si de forma profunda. De fato, tratando-se de compreender um texto devemos ocupar-nos de diferentes dimensões contextuais que estão envolvidas. Vejamos as principais.

1. O contexto original do texto bíblico

Todos sabemos e reconhecemos que o texto bíblico não nos foi dado em nenhum “vácuo”, e sim que “a Bíblia é necessariamente culturalmente condicionada”[3], pois a revelação de Deus foi dada dentro de contextos humanos muito específicos e devemos lutar arduamente contra a tentação, ou o mal hábito já instituído, de “sair lendo o texto como se tivesse sido escrito originalmente para nós, em nosso contexto”[4]. Isso torna o trabalho interpretativo e, conseqüentemente, uma compreensão mais adequada da

palavra de Deus, estreitamente vinculados ao estudo sério desse ambiente ou contexto original do texto bíblico.

Obviamente nos referimos ao estudo de um determinado contexto que se deu em um passado já remoto na História; portanto, isso requer do leitor atual um esforço especial no uso de algumas ferramentas que facilitem a sua percepção das diferentes realidades sociais, culturais, filosóficas e políticas, entre outras, que estão presentes no texto de forma visível, semivisível ou mesmo oculta. Me refiro a ferramentas como a gramatical do texto em si, a literatura produzida nessa época, os eventos históricos que marcaram esse período, o estilo de vida das pessoas e suas principais manifestações religiosas e culturais.

Todo esse estudo tem como objetivo ler o texto dentro do próprio ambiente onde foi criado para compreender a sua mensagem da forma mais aproximada possível à maneira como seus primeiros leitores ou ouvintes o compreenderam. De forma geral, podemos definir o trabalho interpretativa dessa primeira etapa da contextualização como sendo “o estudo das regras gramaticais e filosóficas que devem governar o entendimento do sentido linguístico de um texto, e a história da exegese dos textos aplicáveis às palavras propriamente ditas”[5], com o objetivo específico de fixar o sentido do texto.

Portanto, o trabalho exegético ocupa um lugar de muita importância nesse momento do processo interpretativo.

2. O contexto original do leitor atual

Embora o trabalho exegético tenha ganhado em nosso meio uma enorme primazia, chegando ao ponto de muitos considerarem “exegese” e “hermenêutica” como termos sinônimos e a exegese como praticamente o único trabalho da hermenêutica, não podemos perder de vista, entretanto, que se trata somente da primeira parte do processo interpretativo. Esse processo continua com a devida análise do contexto de quem está lendo o texto hoje, da sua época histórico-filosófica, das mentalidades que prevalecem em seu ambiente, da sua linguagem, da sua tradição e influência eclesiais e dos seus “entendimentos inegociáveis”.

Como já podemos concluir, essa etapa da hermenêutica ou da “exegese depois da exegese” não tem ocupado a devida importância em nosso trabalho interpretativo do texto bíblico, sendo relegado frequentemente a um apêndice final nos manuais de hermenêutica sob o desaproveitado título de “Aplicação”. Para muitos o trabalho se resume em estudar o texto no seu contexto antigo, pois é como se nada do que vivemos hoje interferisse direta ou indiretamente na nossa compreensão do texto bíblico. Entretanto, responder à pergunta so-

bre o que este texto significa para hoje já se tornou o núcleo principal da problemática hermenêutica. Dunn nos ajuda a compreender essa problemática ao apresentar o problema hermenêutico como sendo “perceber como estes textos eram escutados no século I e como hoje nós escutamos aquela audição”[6], levando-nos a preocupar-nos seriamente com “a manipulação do texto por parte do intérprete ou a crescente incapacidade deste para comunicar-se com a sua própria época” [7].

Desta forma, todos os leitores atuais, dentro e fora da interpretação cristã, sempre sempre enfrentam o problema já estabelecido do papel que desempenha a compreensão na vida humana. Objetivamente falando, a visibilidade desse problema ocorre uma vez que somente nos é possível perceber as implicações do processo de compreensão e o seu papel na vida humana “se iniciarmos nossa análise pelo homem já ‘imerso` neste mundo, ‘infestado` de preconceitos, com a sua consciência ‘comprometida`, no sentido de ser estimulada em algumas direções e moderada em outras” [8].

Por outro lado, ainda que seja super importante estarmos atentos a esse problema hermenêutico, Ramón Rodríguez nos alerta para a importância de que “a ação que o pas-

sado recuperado exerce sobre o presente... o passado se torna contemporâneo” [9]. Compreender o contexto original do leitor atual nos leva à essa “contemporaneidade do passado” de forma que o sentido do texto bíblico, tal como definido pela exegese do passado do texto, recobre vida hoje e se adequa de forma objetiva e concreta aos nossos diversos ambientes presentes, pois “essa adequabilidade é uma questão de corresponder hoje, com nossa fala, pensamento e vida, ao que Deus fez, está fazendo e fará para concluir todas as coisas em Cristo”[10].

Em resumo, ao falar sobre “texto e contextos” não podemos nos esquecer da simples e profunda definição que Christiane de Lozé nos oferece de que a “reflexão bíblica consiste em aplicar um texto às circunstâncias atuais”[11], já que devemos reconhecer e termos presente o fato de que, efetivamente, “na leitura, o texto produz o mundo do leitor”[12]. Haveria, ainda, ao menos mais um contexto a mencionar nesse processo de compreensão do texto bíblico, me refiro ao contexto original do “outro”, do qual esperamos poder tratar em um próximo artigo, se Deus assim nos permitir! Até breve!

”

Referências

- [1]. K. J. Vanhoozer, *Discipulado para a Glória de Deus*, 249.
- [2] B. Wielenga, "The Bible in a Changing South Africa - The Quest for a Responsible Biblical Hermeneutic in Mission", em: *Missionalia*, Vol.20, Nº.1, 32.
- [3] C. Sugden, *Radical Discipleship*, 135.
- [4] J. R. W. Stott, *A Mensagem de Atos*, 11.
- [5] A. Kirk, *A Bíblia e sua Hermenêutica*, 8.
- [6] J. D. G. Dunn, *Jesús Recordado*, 468-469. Veja também: G. D. Fee, *Exégesis y Espiritualidad*, 166; A. Thiselton, *Hermenêutica – Uma Introdução*, 261.
- [7] J. D. G. Dunn, J. P. MacKey, *New Testament Theology in Dialogue – Christology and Ministry*, 22.
- [8] Z. Bauman, *Hermenêutica e Ciência Social – Abordagens da Compreensão*, 227.
- [9] R. Rodríguez, *Hermenéutica y Subjetividad*, 161.
- [10] K. J. Vanhoozer, *Discipulado para a Glória de Deus*, 175.
- [11] Veja em: R. Barthes, *Exegesis y Hermenéutica*, 27.
- [12] A. Thiselton, *Hermenêutica – Uma Introdução*, 284.



Fernando Maia

Trilhas Formativas

Fundamentos iniciais para a construção da criticidade cristã

“

Em nossas últimas conversas, discutiremos sobre a importância de ler nas entrelinhas dos discursos e de desenvolvermos nossa prática de leitura, tanto das Escrituras quanto de outras obras. Também refletimos sobre a necessidade de exercermos criticidade ao ouvir discursos e ao ler textos. Em nossa trilha formativa de hoje, lançaremos alguns fundamentos iniciais para a construção de uma criticidade cristã sadia, capaz de beneficiar tanto nossa vida pessoal quanto nossa caminhada em comunidade.

Aprendemos anteriormente que criticidade envolve julgar, avaliar, discernir e examinar. Agora, resta-nos pensar em como podemos nos preparar para exercer a criticidade que as próprias Escrituras exigem de nós. Vamos lá?

Que tal iniciarmos com uma pergunta bastante simples? O que o Senhor Deus espera de mim como discípulo de Jesus?

Possivelmente, a maioria dos cristãos responderia: "O Senhor espera que eu seja uma boa pessoa e evangelize aqueles que ainda não conhecem a Cristo". Evidentemente, essa resposta está correta. Entretanto, o que significa, exatamente, ser "uma boa pessoa"? Como a antropologia bíblica responderia a essa pergunta? Quais implicações estão envolvidas no ato de evangelizar? Como as principais doutrinas das Escrituras descrevem o Evangelho e, conseqüentemente, a missão evangelística?

Responder que Deus deseja apenas que sejamos "boas pessoas" e que "evangelizemos" pode parecer suficiente, mas revela uma compreensão ainda bastante simplificada da narrativa bíblica. Além disso, essa resposta evidencia uma percepção da realidade que ainda não foi plenamente moldada pelo que chamamos de cosmovisão cristã.

Uma das razões para essa forma de compreender a vida cristã no contex-

to brasileiro — guardadas as devidas proporções — é que, em muitos segmentos do evangelicalismo nacional, percebe-se uma influência reduzida da tradição teológica oriunda da Reforma Protestante. Em outras palavras, muitos evangélicos brasileiros conhecem apenas parte da história da Igreja. Em geral, enfatizam o nascimento da Igreja narrado em Atos 2 e o surgimento do Movimento Pentecostal moderno, iniciado em Topeka (1901) e consolidado no Avivamento da Rua Azusa (1906), ambos nos Estados Unidos. Pouco depois, em 1904, o País de Gales também experimentou um importante avivamento associado a nomes como Evan Roberts e Alexander Boddy.

Neste ponto, convém abrirmos um breve parêntese histórico.

É verdade que esses movimentos buscaram combater formas de tradicionalismo que, em sua percepção, impediam os fiéis de experimentar de maneira viva as verdades das Escrituras. Cada movimento possuía características próprias: alguns enfatizavam o falar em línguas; outros, os milagres extraordinários. Apesar dessas diferenças, compartilhavam o desejo de viver uma espiritualidade marcada pela ação poderosa de Deus. Esse aspecto merece ser reconhecido.

No Brasil, o Pentecostalismo desenvolveu-se em três grandes fases.

A primeira onda iniciou-se entre 1910 e 1911 com a chegada da Congregação Cristã no Brasil, por meio de Louis Francescon, e a da Assembleia de Deus, fundada em Belém do Pará pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg. Entre suas principais características destacavam-se a ênfase no falar em línguas, o forte anticatolicismo e a separação em relação ao mundo.

A segunda onda desenvolveu-se entre as décadas de 1950 e 1970. Destacaram-se a Igreja do Evangelho Quadrangular, introduzida pelos missionários Harold Williams e Raymond Boatright; posteriormente, O Brasil para Cristo, fundada por Manoel de Melo em 1956; e a Igreja Deus é Amor, fundada por David Miranda em 1962. Esse período caracterizou-se pelo uso intenso do rádio para evangelização, pela divulgação de campanhas de cura e milagres e pelo início de uma participação mais expressiva no cenário político nacional.

A terceira onda corresponde ao chamado Neopentecostalismo. Embora derive historicamente do Pentecostalismo, apresenta características suficientemente distintas para ser considerada um

novo movimento. Seu surgimento ocorre no final da década de 1970, quando diversas igrejas passaram a adaptar sua mensagem à cultura de consumo e ao estilo de vida urbano contemporâneo.

Entre seus principais representantes encontram-se a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), fundada por Edir Macedo; a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), fundada por R. R. Soares; a Igreja Renascer em Cristo (1986), liderada por Estevam e Sônia Hernandez; e, posteriormente, a Igreja Mundial do Poder de Deus.

Entre suas principais características estão a flexibilização dos antigos "usos e costumes", a forte ênfase na Teologia da Prosperidade, na batalha espiritual e o amplo investimento nos meios de comunicação e na atuação política.

Compreender esse panorama histórico ajuda-nos a perceber como se formou o atual cenário evangélico brasileiro. Também nos permite entender por que determinadas compreensões do Evangelho ganharam ampla divulgação em nossa cultura.

Retomando nosso tema principal, percebemos que grande parte da população entra em contato com

uma compreensão do Evangelho fortemente influenciada pelo Neopentecostalismo, sobretudo em razão de sua expressiva presença na televisão, no rádio e nas mídias digitais.

Ao desenvolvermos uma postura verdadeiramente crítica e conhecermos esse processo histórico, percebemos que o Evangelho anunciado por Jesus Cristo é muito mais profundo do que as caricaturas frequentemente apresentadas por alguns segmentos do cristianismo contemporâneo. Quando as Escrituras tornam-se o critério supremo para compreender e proclamar o Evangelho, toda a perspectiva muda.

Por isso, construir uma criticidade genuinamente cristã exige conhecer a história da salvação revelada nas Escrituras. Essa criticidade é alimentada pela leitura constante da Palavra de Deus, pelo estudo diligente da teologia, pela correta interpretação do texto bíblico e por uma compreensão ampla da realidade em que vivemos.

Conhecer a sociedade, identificar as cosmovisões presentes em nossa cultura e compreender as tensões produzidas por elas são elementos indispensáveis para o exercício do discernimento cristão.

Esses são apenas alguns fundamentos iniciais. Em nossa próxima conversa, apresentaremos uma trilha formativa para desenvolver essa criticidade à qual o povo de Deus é chamado nas Escrituras.

Abraços fraternos!

”



Thiago Cardoso Nunes

Plantando igrejas

Igreja confessional no meio evangelical

“

No cenário brasileiro, vivemos em uma época interessante, nunca houve em terras tupiniquins tantas igrejas, ministérios, grupos, conferências e pregadores em plena atividade. Com as pesquisas apontando um crescimento do movimento evangélico, percebe-se claramente o avanço da igreja. A pergunta que fica é: Que igreja?

É inegável que o crescimento de igrejas no país trouxe contribuições inestimáveis para a expansão do cristianismo no Brasil. No entanto, todo esse crescimento trouxe consigo desafios significativos.

Quando observamos esse fenômeno mais atentamente, percebemos que parte expressiva do cristianismo contemporâneo tem sido moldada menos por convicções teológicas sólidas e mais por estratégias de expansão, preferências culturais e métodos pragmáticos. E podemos resumir este fenômeno numa palavra: Evangelicalismo.

Evidentemente, o termo comporta múltiplos significados históricos e sociológicos. Contudo, no contexto brasileiro contemporâneo, ele descreve adequadamente uma expressão do cristianismo profundamente marcada por fronteiras confessionais frágeis, as vezes até inexistentes, pela acomodação às demandas culturais e pela tendência de avaliar a saúde da igreja a partir de critérios de eficiência, popularidade e crescimento numérico. A pergunta dominante deixa de ser **"o que devemos crer e praticar?"** e passa a ser **"o que produz resultados?"**.

Diante deste cenário, a presença de uma igreja confessional pode parecer antiquada, ultrapassada ou até mesmo desnecessária. **Por que insistir numa liturgia supostamente engessada, reverente, catecismos e confissões históricas quando diversas comunidades cristãs parecem prosperar sem ter ao menos consciência disso?** Por que plantar uma igreja confessional em cidades já repletas de igrejas evangélicas (evangelicais)?

O questionamento em si revela o centro do problema, pois se a igreja é definida essencialmente por aquilo que funciona, então, qualquer tradição já é por si só uma barreira a ser superada. No entanto, se a Igreja é o povo de Deus, casa de Deus reunida em assembleia, “coluna e baluarte da verdade” (1Tm:3.15), chamada a proclamar a verdade de Cristo custe o que custar, então, a confessionalidade deixa de ser um apetrecho e se torna vital.

Mas antes de responder o “por que” plantar uma igreja confessional e seus desafios, precisamos entender uma questão anterior, afinal, o que é uma Igreja confessional?

Uma Igreja confessional não é apenas uma igreja que tem uma confissão ou declaração de fé. De certo modo, toda igreja possui uma confissão. Toda comunidade em alguma medida possui convicções doutrinárias, mesmo que não formalizadas. A grande questão não é se teremos ou não uma confissão, mas qual confissão teremos: uma pública, histórica, responsável ou uma implícita, moldada pelo espírito do nosso tempo?

Uma Igreja confessional, acima de tudo, é uma igreja comprometida com a Escritura como única regra de fé, uma igreja que reconhece que a

Palavra de Deus deve governar não apenas aquilo que cremos, mas também a forma como adoramos, pregamos e vivemos como povo escolhido por Deus. Tudo nela é moldado pela Escritura, pela liturgia, pelos louvores, pela pregação, pela atuação pastoral e sobretudo, por sua vida comunitária.

Portanto, ser uma igreja confessional não significa ser menos bíblica, significa assumir a responsabilidade de dizer, com clareza e humildade, o que cremos, porque entendemos que é isso que a Bíblia ensina.

Dito isso, por que plantar uma igreja confessional?

Num cenário cristão evangelical cada vez mais fragmentado, marcado por um evangelho híbrido, lógico, mercantilista e vazio, plantar uma igreja confessional é, antes de tudo, um compromisso com a fidelidade a Deus.

Plantar uma igreja confessional significa um compromisso sério, diz respeito a construir comunidades guiadas pela verdade revelada nas Escrituras. Formar discípulos que saibam no que creem e porque creem, numa sociedade onde muitos cristãos são mais disciplinados pela rede social, pelos likes, pelo número de visualização, por igrejas que vi-

vem de campanhas, pelos famigerados “envelopes com votos” prometendo promessas para além da Escritura, onde a palavra é pregada de qualquer maneira. Nesse cenário, igrejas confessionais tornam-se espaços de enraizamento, lugar onde a Escritura é pregada fielmente, onde há doutrina, adoração e comunhão dos santos, tudo regulado pela Escritura.

Este é o maior desafio da Igreja de nossos dias, permanecer fiel. E por essa razão, plantar uma Igreja confessional é uma necessidade urgente.

Quais os desafios de plantar uma igreja confessional?

Como dito anteriormente, ser uma igreja confessional, é acima de tudo, uma igreja fiel às Escrituras e plantar uma igreja nesses moldes em nossos dias é um enorme desafio, desafio que exige do plantador elementos que um seminário não consegue passar. Eis alguns dos desafios que tenho encontrado plantando uma Igreja confessional no meio evangelical:

O primeiro desafio é resistir à tentação do pragmatismo. Numa cultura obcecada por números, resultados e crescimento acelerado, não são poucas as vezes em que o plantador será questionado sobre a

quantidade de membros, a velocidade do crescimento ou a adoção de determinados métodos utilizados por igrejas aparentemente bem-sucedidas. A pressão para adaptar a mensagem, flexibilizar convicções ou relativizar princípios em nome da eficiência é constante. Entretanto, a pergunta decisiva não deve ser: "O que produz resultados?", mas: "O que honra a Deus e permanece fiel à sua Palavra?".

O segundo desafio é enfrentar a cultura da superficialidade doutrinária. Muitos cristãos chegam às igrejas locais sem qualquer formação teológica consistente. Foram ensinados a buscar experiências, mas não a compreender a fé, a consumir conteúdos religiosos, mas não a amar a verdade. Nesse contexto, o plantador precisa recuperar a beleza do discipulado paciente. Ensinar doutrina, pregar expositivamente, catequizar e formar convicções profundas não são obstáculos ao crescimento da igreja, são parte essencial da missão pastoral.

O terceiro desafio é a comparação constante. Em um ambiente marcado pelas redes sociais e pela exposição contínua de modelos ministeriais aparentemente bem-sucedidos, torna-se fácil medir o próprio ministério pelos padrões estabelecidos por outros.

Igrejas confessionais podem crescer mais lentamente e de fato crescem mais lentamente. Construir uma cultura de membresia comprometida, adoração reverente e discipulado consistente demanda um tempo considerável. Contudo, nem tudo o que cresce rapidamente possui raízes profundas. A fidelidade nem sempre produz resultados imediatos, mas produz frutos duradouros.

O quarto desafio é suportar a incompreensão. Plantadores de igrejas confessionais, muitas vezes, serão vistos como excessivamente conservadores, rígidos ou resistentes à inovação. O simples fato de insistirem na centralidade da pregação, no ensino doutrinário, na membresia responsável e em uma adoração regulada pelas Escrituras poderá parecer estranho em determinados contextos. Ainda assim, o chamado pastoral não é agradar ao espírito da época, mas servir a Cristo e à sua igreja com integridade.

Diante desses desafios, alguns conselhos podem ser úteis aos que desejam plantar igrejas confessionais em nossos dias. Talvez seja exatamente aqui que o coração do plantador de igrejas seja provado.

Plantar uma igreja confessional, em muitos momentos, será um caminho

solitário. Haverá domingos em que os números parecerão pequenos demais. Haverá reuniões vazias, recursos escassos e comparações inevitáveis. Haverá a tentação silenciosa de abandonar convicções antigas em troca de resultados mais rápidos. Não faltarão vozes perguntando se tudo isso realmente vale a pena.

Vale porque a igreja não é nossa. Ela pertence a Cristo. Foi comprada pelo seu sangue, sustentada pela sua graça e edificada pela sua Palavra. Não fomos chamados a inventar uma igreja que pareça mais atraente aos olhos da nossa geração. Fomos chamados a servir, com temor e tremor, àquela igreja que o próprio Senhor prometeu edificar.

Às vezes, o plantador terá a sensação de estar semeando em solo duro, pregando para poucos, ensinando verdades que parecem antigas demais para um mundo apaixonado por novidades. Mas o evangelho sempre carregou consigo essa aparente fraqueza. O Reino de Deus começa como um grão de mostarda. O fermento trabalha escondido na massa. As raízes crescem no silêncio antes que os frutos apareçam aos olhos.

Talvez ninguém escreva livros sobre muitos desses plantadores. Talvez seus nomes jamais sejam conhecidos

além dos limites de suas pequenas congregações. Contudo, diante do céu, há uma glória escondida na ordinária fidelidade. Há beleza em abrir as Escrituras semana após semana. Há dignidade em ensinar crianças a responder ao evangelho. Há esperança em repartir o pão, consolar os aflitos, sepultar os santos, celebrar batismos e perseverar quando ninguém parece perceber.

Porque, no fim das contas, o sucesso do ministério não será medido apenas pelo tamanho dos auditórios que reunimos, mas pela fidelidade com que entregamos aquilo que recebemos.

Aquele que chamou a igreja para ser coluna e baluarte da verdade é o mesmo que prometeu: "E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28.20). Por isso, plantem. Preguem. Catequize. Orem. Perseverem.

E quando nossa geração passar, e vai passar, que se possa dizer não que fomos brilhantes, retóricos, empolgantes ou influentes, mas digam que fomos fiéis!

”

REFERÊNCIAS

- BERKHOF, Louis. Teologia sistemática. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.
- CALVINO, João. As institutas da religião cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 4 v.
- HORTON, Michael. Cristianismo sem Cristo: o evangelho de uma igreja sem evangelho. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- KELLER, Timothy. Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- PRESBITÉRIO DE WESTMINSTER. Confissão de fé de Westminster. São Paulo: Os Puritanos, 2018.
- BANNERMAN, James. The Church of Christ. 2. ed. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 2015. 2 v.
- TRUEMAN, Carl R. The rise and triumph of the modern self: cultural amnesia, expressive individualism, and the road to sexual revolution. Wheaton: Crossway, 2020.
- WELLS, David F. No place for truth: or whatever happened to evangelical theology? Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- WELLS, David F. The courage to be protestant: truth-lovers, marketers, and emergents in the postmodern world. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.
- OWEN, John. The glory of Christ. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965.
- HART, D. G. Recovering mother kirk: the case for Liturgy in the reformed tradition. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.
- HART, D. G. Deconstructing evangelicalism: conservative protestantism in the age of Billy Graham. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.



Marcus Vinícius

Dialogando com livros

Para que serve a teologia?

Perspectiva e análise do livro de Alister McGrath - Para que serve a teologia? - Sabedoria, Significado e Beleza. São Paulo: ABU; Viçosa: Ultimato, 2023.

“

Em minha caminhada com Deus, já me deparei inúmeras vezes com essa pergunta e confesso que havia chegado à conclusão de que ela não era necessária. Vi, ao longo de minha jornada cristã, pastores com um conhecimento profundo e até invejável de teologia, em quem eu praticamente confiava para direção, ensinamentos e pregação, e por meio dos quais crescia espiritualmente. Todavia, percebi nesses mesmos pastores dificuldades não superadas, apesar de terem a teologia. Isso me levou a concluir que ela não era necessária.

Mas, depois de ajustar minha vida acadêmica, profissional, emocional, familiar e ministerial, resolvi me jogar nesse vasto oceano de conhecimento profundo. E me deparei, como sugestão de leitura complementar, com este livro: *Para Que Serve a Teologia?*, de Alister McGrath.

Sou biólogo por formação e tive enorme dificuldade em conciliar minha fé com a formação acadêmica

— um ambiente profundamente marcado pelo evolucionismo darwinista e pelo materialismo —, mas saí dele com minha fé ainda inabalável.

Por isso, ao ler este livro, percebi que Alister soube exatamente onde tocar. Em seu primeiro capítulo, ele diz:

“A teologia auxilia os pregadores a revelar as riquezas da fé cristã e ajuda os apologistas a explicar e a defender seus principais temas para uma cultura mais ampla.”

A ignorância sobre a riqueza que se possui pode gerar situações em que a solução esteja com você o tempo todo sem que perceba, fazendo com que pontes, verdades e luzes, que tornariam a caminhada muito mais segura e significativa, não possam ser acessadas e utilizadas. Ter ajuda para defender e explicar a fé em um ambiente em que ela é intencionalmente atacada é algo de que todos os cristãos inseridos nesses contextos precisam. Há muitas feridas, confusões e conflitos

que simplesmente poderiam ter sido evitados, mas que, por falta de uma busca mais profunda na teologia, infelizmente não foram.

Alister diz:

“A teologia nos ajuda a ver as coisas de uma nova maneira.”

Isso possui uma simplicidade e, ao mesmo tempo, um poder transformador indescritível. Ver o mundo de uma maneira correta, definida por seu Criador, permite ajustar a conduta de forma adequada, o que nos conduz a uma vida mais plena. O exercício de enxergar por essa ótica limpa nos levará a esse êxito.

Alister recorre a uma metáfora que, ao meu ver, foi uma das mais brilhantes de sua obra: a teologia como uma lente que permite enxergar aquilo que sempre esteve diante de nós, mas permanecia imperceptível sem ela.

A título de comparação, como bom biólogo que teve aulas de histologia na universidade e teve acesso às células dos tecidos do corpo por meio de um microscópio óptico, fiz uma breve pesquisa na internet sobre quantas vidas aproximadamente foram salvas pela invenção do microscópio. A resposta

quase me fez cair da cadeira: algo em torno de cinco bilhões de pessoas.

Não vou me ater aos detalhes que explicam essa afirmação; mas, sempre que pensamos em alguém “salvando” o mundo, não costumamos imaginar uma pessoa com um microscópio na mão. E foi exatamente isso que senti quando Alister comparou a teologia a uma lente: ela permite expandir o Evangelho para bilhões de pessoas.

Eu poderia parar por aqui, mas estamos apenas na primeira parte de sua obra.

Além de proporcionar conhecimento profundo, a teologia também cria panoramas gerais. Senti falta disso durante muito tempo. Em um contexto de conhecimento altamente especializado, cavar apenas em busca de preciosidades pode impedir um crescimento mais amplo e conectado com outras áreas do saber.

Observamos algo semelhante como efeito colateral do cartesianismo no contexto acadêmico: surgem novas ciências que não conversam entre si. Ao revelar que a teologia oferece uma visão ampla, sem abrir mão da profundidade, passagens bíblicas antes isoladas passam a se mostrar interconectadas, revelando uma his-

tória maior da redenção e possibilitando, inclusive, que nos reconheçamos nela.

As passagens bíblicas possuem um fio que as entrelaça e, por meio de padrões reconhecidos pelo próprio texto, uma paisagem se revela. Quando percebemos isso, passamos a possuir um mapa para explorar toda essa paisagem magnífica e transcendental. Que olhar belo e tocante Alister nos apresenta!

Além de perceber que trechos da Bíblia, que outrora compreendia isoladamente, fazem parte de algo maior, também comecei a perceber que o mesmo ocorre com minha vida e minha história. É difícil descrever o quanto isso me toca: é simplesmente maior do que eu e, ainda assim, faço parte disso. Há um fio invisível me conduzindo e me entrelaçando nessa história. A teologia possibilita isso.

Ao final da primeira parte, encontramos cinco críticas feitas à teologia. A primeira afirma que a teologia é destituída de sentido. Contudo, ao revelar aquilo em que os cristãos acreditam, ela demonstra que, independentemente de alguém considerar essas crenças corretas ou não, é preciso conhecê-las para garantir que é realmente o cristianismo que está sendo criticado.

A segunda crítica diz que a teologia é irrelevante para a maioria dos cristãos. Por possuir jargões próprios, alguns sentem que ela está distante da vida comum. Entretanto, todas as áreas do conhecimento possuem terminologias específicas, e com a teologia não é diferente; por isso existem aqueles que traduzem esse conhecimento para o público em geral.

A terceira crítica afirma que a teologia não tem lugar na vida da igreja. Na realidade, todos os pregadores são teólogos — acadêmicos ou não. Logo, a teologia está mais presente na vida cristã do que muitos imaginam.

A quarta crítica diz que a teologia parece desconectada da Bíblia. Todavia, o autor comenta que não basta apenas repetir as palavras do Novo Testamento: é necessário explicar seu significado no contexto contemporâneo.

A quinta e última crítica sustenta que a teologia é uma invenção ocidental. Contudo, com apenas dois exemplos, Alister demonstra como teólogos orientais influenciaram profundamente os pais da Igreja e continuam influenciando teólogos até os dias atuais.

Ao deixar claro que a teologia permanece firme diante dessas críticas, Alister avança. Na segunda

parte do livro, ele demonstra o valor inestimável da teologia em três aspectos.

A Sabedoria

“A teologia, ao estabelecer uma visão do mundo e de nosso lugar dentro dele, ajuda-nos a tomar decisões sobre o que realmente importa. Isso nos ajuda a identificar objetivos na vida e como eles podem ser alcançados.”

Saber o que fazer, como fazer e por que fazer: a teologia nos possibilita construir uma vida coerente e lúcida diante de um mundo incerto e complexo. A sabedoria impede que fiquemos inoperantes ou presos à superficialidade, tentando explicar tudo por meio de respostas simplistas.

Essa mesma sabedoria permite determinar os limites do que é possível conhecer, apoiar-se no conhecimento dos antigos e ver o mundo por mil olhos, sem perder os benefícios de enxergá-lo pelos próprios. Além disso, diante de ideias novas, podemos compreender os efeitos que elas já resolveram ou produziram em outras épocas e contextos, alcançando uma compreensão mais madura daquilo que desejamos entender.

O Significado

“É essencial discernir ou criar algum tipo de significado no interior do que parece ser apenas um sofrimento destituído de sentido, se quisermos aprender a viver bem com ele. Para muitos teólogos cristãos, o sofrimento de Cristo encarna uma esperança real de que tal significado possa ser encontrado.”

Muitos de nós damos grande ênfase às curas milagrosas como o principal elemento do bem-estar. Contudo, sabemos que inevitavelmente enfrentaremos aflições. Nesse contexto, o significado possui algo extremamente valioso e frequentemente negligenciado: ele nos permite atravessar o sofrimento sem sermos destruídos por ele, tornando possível sua superação.

Esse mesmo significado nos enche de anseio e contentamento, sendo plenamente satisfeito apenas por Deus, que nos criou para Si. Em outras palavras, a ausência de significado pode ser o maior sofrimento que um ser humano experimenta. Ela pode transformar até mesmo sofrimentos relativamente pequenos em algo insuportável; enquanto pessoas que possuem clareza de propósito e valor conseguem atravessar grandes tempestades de maneira serena e inabalável.

A Beleza

“Por certo, é verdade que muitos consideram uma experiência de encanto religioso algo intelectualmente transformador, uma vez que questiona a adequação das formas de pensar existentes. Assim, uma visão ampliada da realidade pode surgir.”

Aqui, a beleza é apresentada não como aquilo que simplesmente agrada aos olhos, mas como um encanto que desafia nossas categorias e questiona a adequação de nossos pensamentos. Esse encanto nos conduz ao desejo de conhecer mais, aprender mais e nos envolver com aquilo que vai além das aparências.

Alister afirma que a teologia nos permite amar a Deus com todo o nosso entendimento. Perceber essa beleza desperta em nós o desejo de compreendê-Lo cada vez mais. A amplitude e a vastidão de Deus não podem ser plenamente capturadas por nossa compreensão; por isso, há um encantamento que produz em nós uma busca constante por mais, sempre em direção a Ele.

Por fim, Alister me surpreende ao conduzir sua obra por caminhos que eu jamais havia percebido como pertencentes à teologia. Ele apresenta verdades que revelam preconceitos e expõem raízes profundas de problemas que nos impedem de avançar.

Durante toda a leitura, somos continuamente exortados, encorajados, ensinados, confrontados e alertados. Ainda assim, Alister faz tudo parecer uma jornada. Ele nos conduz de maneira leve e respeitosa e, quando menos esperamos, chegamos ao fim dela mais sábios, com um novo senso de significado e profundamente encantados.

Para todos os cristãos que vivem em um contexto secular hostil, este livro será como um oásis no deserto. Para os cristãos que desejam fugir de uma espiritualidade superficial, ele ajudará a identificar armadilhas que muitas vezes passam despercebidas. Para aqueles que perderam o sentido da vida diante de grandes infortúnios, ajudará a reencontrá-lo.

Todavia, para aqueles que procuram fórmulas para crescimento numérico rápido em suas igrejas, este livro de nada servirá. O mesmo vale para aqueles que buscam segredos para alcançar sucesso e riquezas materiais sem esforço, ou para os que desejam apenas confirmação intelectual de seus posicionamentos ideológicos.

Para os demais, trata-se de uma leitura indispensável!

”



Eduardo Gonçalves

Relatos do Campo

Missões na Amazônia: O Evangelho Entre os Povos!

"Agora, as mesmas boas-novas que chegaram até vocês estão se propagando pelo mundo todo. Elas têm crescido e dado frutos em toda parte, como ocorre entre vocês desde o dia em que ouviram e compreenderam a verdade sobre a graça de Deus"

(Colossenses 1.6)

“

A Grande Comissão não é apenas uma ordem dada aos apóstolos, mas a missão contínua da Igreja de Cristo até que Ele volte. Deus nos chama para atravessar fronteiras geográficas, culturais e linguísticas com uma única mensagem: o evangelho da graça de Deus.

O apóstolo Paulo escreve aos cristãos de Colossos, destacando uma realidade, onde o evangelho não estava se limitando a uma cidade, uma cultura ou um povo específico. A mesma mensagem que havia alcançado aquela igreja estava produzindo frutos em todo o mundo conhecido. O evangelho avançava, transformava vidas e estabelecia comunidades de discípulos onde antes não havia testemunho de Cristo.

O foco está no poder da mensagem. O evangelho possui uma capacidade intrínseca de produzir vida porque é a Palavra de Deus. É uma linguagem orgânica, onde não é o trabalho, a obra ou os nomes que crescem, mas O EVANGELHO.

Obviamente a mensagem não aumenta de tamanho, Paulo está personificando o evangelho como uma força viva que avança pelo mundo. Por onde ele passa, seu poder se revela para revelar o cuidado, a paciência, a esperança, a alegria e o amor de Cristo.

Essa continua sendo a realidade da missão da Igreja desde Colosso até os dias de hoje. Nós testemunhamos isso recentemente durante uma viagem missionária realizada entre os dias 6 e 23 de abril. Nossa equipe, formada por Hiltemar Junior, Dione Paes e por mim — sendo todos nós pastores da Igreja Batista Calvário, em Goiânia —, percorreu três países — Colômbia, Brasil e Peru — acompanhando diferentes iniciativas missionárias na região amazônica.

Apesar de sua riqueza cultural e diversidade de povos, a região abriga algumas das maiores concentrações de povos pouco alcançados pelo evangelho em toda a América do Sul. Muitas comunidades permanecem isoladas e possuem acesso extremamente limitado à mensagem cristã.

A primeira etapa da viagem foi na aldeia indígena de Macedônia, na Amazônia colombiana. Ali foi realizado um seminário voltado para a capacitação de líderes e alunos envolvidos no avanço do evangelho entre os povos de várias aldeias da região.

Durante o seminário, foram ministradas aulas de Introdução à Bíblia, Maturidade Espiritual, Missiologia e outras matérias essenciais para o desenvolvimento de uma capacitação teológica saudável. Tivemos a alegria de ver homens e mulheres com muita sede de conhecer profundamente as Escrituras e servir suas comunidades com amor e fidelidade.



Os líderes locais trabalham com o objetivo de fortalecer igrejas existentes, plantar novas congregações, evangelizar povos vizinhos e estabelecer fundamentos bíblicos sólidos diante da diversidade de influências religiosas presentes na região.

Em um contexto marcado por desafios culturais e doutrinários, a formação teológica tem sido uma ferramenta sólida para o crescimento saudável da igreja.

O evangelho cria discípulos que, por sua vez, fazem novos discípulos. Quando líderes indígenas são fortalecidos na Palavra de Deus, o alcance missionário se multiplica de forma significativa, permitindo que comunidades inteiras tenham acesso ao ensino bíblico em sua própria língua e contexto cultural. A ideia é capacitá-los para evangelizar seu próprio povo.



Muitos enfrentam longas viagens pelos rios amazônicos, dificuldades logísticas, oposição espiritual e limitações financeiras. Vemos com frequência a dedicação e o amor à obra que eles têm demonstrado. Perseveram porque compreendem que Cristo é digno de ser conhecido entre os povos.

Pudemos realizar momentos de encorajamento pastoral, ensino bíblico e planejamento estratégico para futuras ações missionárias. Nosso desejo é continuar trabalhando pela organização de igrejas locais saudáveis e preparar novas lideranças para servir em regiões onde ainda há pouca presença cristã.



O Evangelho Transformando Comunidades

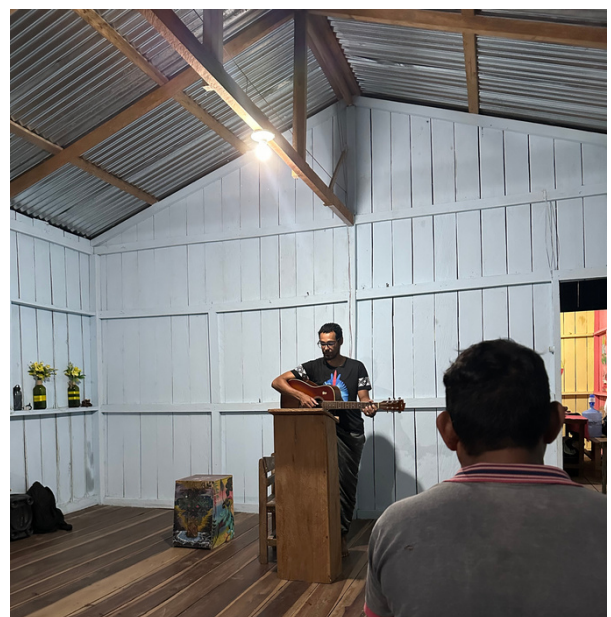
Na segunda etapa da viagem, seguimos para a região do Vale do Javari, já no Brasil. Descendo os rios amazônicos, tivemos a oportunidade de conhecer missionários e comunidades indígenas impactadas pelo poder do evangelho.



Um dos testemunhos mais marcantes foi o trabalho desenvolvido pelos missionários Lane e Cleiton, da JOCUM, na aldeia de Campinas. Anos atrás, aquela comunidade era conhecida pela violência, pelo alcoolismo e pelos frequentes surtos de malária que afetavam a população.

Hoje, a realidade é diferente. Após anos de discipulado, ensino bíblico e perseverança missionária, uma igreja foi consolidada na região. Tivemos a oportunidade de ouvir relatos sobre a transformação daquela comunidade e testemunhar como Deus tem operado por meio da proclamação fiel da mensagem de Cristo.

Aquilo que vimos foi uma demonstração prática de que o evangelho não apenas alcança indivíduos, mas também transforma famílias, relacionamentos e comunidades inteiras.



Mas precisávamos continuar a viagem. Dessa forma, outro momento significativo aconteceu durante uma visita a uma aldeia isolada da região. Ali estava nosso último ponto de parada antes do retorno. Fomos acompanhados pelo missionário Lolo Kokama e pelo pastor indígena Severo, ambos indígenas locais.

Dependíamos da chegada e da autorização do cacique que havia permitido nossa entrada na comunidade. Enquanto aguardávamos, existia uma expectativa quanto à forma como seríamos recebidos e às oportunidades que surgiriam.

Pela graça de Deus, fomos acolhidos e pudemos compartilhar um pouco do evangelho, levar algumas roupas, ouvir histórias e conhecer a realidade daquele povo. Além disso, jantamos com o cacique, que nos abriu portas para futuras ações missionárias e fortaleceu nosso relacionamento, o que poderá contribuir para o avanço do Reino de Deus naquela região.

Experiências como essa nos lembram que Deus continua chamando pessoas para si em todos os lugares. Precisamos voltar a enxergar a Amazônia como o campo missionário que ela é, onde homens, mulheres e

crianças precisam ouvir sobre o Salvador.

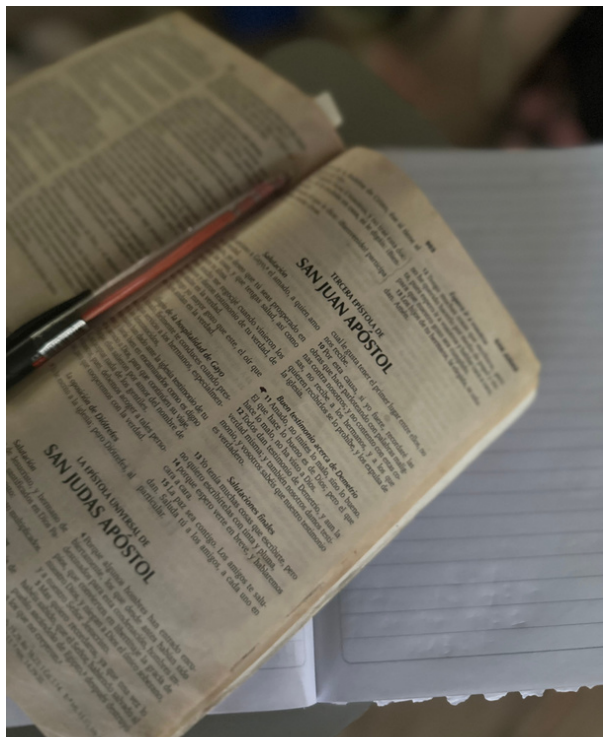
Por isso, seguimos trabalhando na fronteira brasileira, colombiana e peruana, cooperando com irmãos locais para que o evangelho avance entre os povos da floresta. Nosso compromisso permanece o mesmo: anunciar Cristo, formar discípulos e glorificar a Deus entre as nações.



Que a Igreja continue orando, contribuindo e participando da obra missionária, até que povos de toda tribo, língua, povo e nação estejam reunidos diante do trono do Cordeiro, adorando aquele que os comprou com seu sangue.

Pedimos que continuem orando por esses povos, por discernimento, direcionamento, coragem e fé. Cada um dos nomes e projetos citados, tem como objetivo final a glória de Deus e temos trabalhado para que pessoas possam conhecê-lo e fazê-lo conhecido.

Orem por mim, por minha família, pela Reach e por todas as igrejas parceiras. Contribua com esse ministério e envolva sua igreja em missões. Que Deus os abençoe!





Discipular líderes locais, capacitando-os a plantar igrejas fundamentadas nos princípios bíblicos e comprometidas com a saúde espiritual e doutrinária.

Promovendo a expansão estratégica do Reino de Deus em áreas onde o evangelho ainda não chegou ou é pouco conhecido.

Se junte a essa grande missão

Lolo
líder de campo
Amazonia

O compromisso da Reach

O propósito de Deus é que o Evangelho alcance todas as nações, conforme Jesus declarou: "Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim" (Mateus 24:14).

Embora muitos tenham acesso ao Evangelho por meio de cristãos ao seu redor, existem povos, etnias e línguas inteiras que vivem sem qualquer acesso à mensagem de Cristo.

Na Reach, nosso chamado é ir até os confins da terra, alcançando aqueles que nunca ouviram falar de Jesus. Trabalhamos pelo Rei, proclamando Seu nome onde a luz do Evangelho ainda não chegou, confiantes na promessa de que, quando todos ouvirem, o fim virá.

Como Fazemos

Discipulamos

Nossa principal atividade é fazer o que Jesus fez, discipulado de líderes, principalmente em lugares onde há pouca ou nenhuma presença do evangelho

Conectamos

Com contatos em mais de 20 países, estabelecemos ligações para nos tornarmos desnecessários - esse é parte do nosso objetivo. Ligamos as pessoas e as organizações às realidades onde podem ser mais úteis.



Mobilizamos

Damos treinamentos em 3 grandes áreas para sua igreja, agência, empresa ou organização.

- Missionalmente - Curso de introdução a missões.
- Empreendedorismo Cristão - Como gerir um negócio ou empresa com valores do Reino.
- Conferência - Retorno do Rei.

Sustentamos

Trabalhamos em diversos países, onde, em alguns casos, o salário mínimo é de cerca de 250 USD. Nosso objetivo é liberar nossos líderes para dedicarem-se integralmente à missão, garantindo que suas famílias estejam plenamente sustentadas.

Cremos na verdade bíblica de que "o trabalhador é digno do seu salário" (1 Timóteo 5:18; Lucas 10:7), e por isso nos esforçamos para prover o necessário para que possam ir, servir e proclamar o evangelho sem preocupações materiais, focados na obra do Reino.

PIX CNPJ
24.687.335/0001-98

**BANCO BTG
PACTUAL (208)**
AG 0050
C/C 00586954-3

ADOTE UM
Missionário



<https://reachintl.org>

APOIE!

Juntos somos mais fortes!

PIX: 03.785.456/0001-00

DESAFIO JOVEM

RESTAURAÇÃO SHALOM

Contribua
pelo Pix
03.785.456/0001-00

DESAFIO JOVEM
RESTAURAÇÃO
SHALOM



Fale conosco: **62 98128-1448**
62 9341-2606



Faça parte!

Ore pelo projeto
Colabore
Seja um voluntário



Colabore financeiramente pelo Pix

PIX: 03.785.456/0001-00
DESAFIO JOVEM RESTAURAÇÃO SHALOM

Rua 2A, Chácara 2, Recreio Samambaia,
Goiânia, Go, CEP 74691363



Visite-nos

Conheça o projeto e nossas instalações



Coopere através de doações

Doe alimentos
Vestuário e calçados



Voluntarie-se

Necessitamos de auxílio profissional em cada uma das etapas do processo de recuperação





FUTUROS PASTORES E OBREIROS

PROGRAMA DE APOIO

Aos alunos bolsistas do InTeR

**Apoie nossos alunos bolsistas
e garanta:**

- ✓ Formação de uma liderança teologicamente preparada
- ✓ Fortalecimento de comunidades de fé locais em várias partes do mundo
- ✓ Expansão missionária e intercultural
- ✓ Fomento à produção de conteúdo para discipulado autóctone
- ✓ Preservação da fé e do pensamento genuinamente bíblico



Conheça o curso!

 **(62) 9 9188-6767**

Goiânia - Goiás - Brasil

ACESSE:



InTeR

www.dialoguseditora.org/instituto-inter

Estude Teologia

na melhor plataforma de estudos EAD!

Prepare-se para
servir melhor sua
comunidade de fé!



✓ 100% online

✓ Material incluso

✓ Aulas ao vivo

✓ Horários flexíveis

✓ Sorteio de livros



Conheça o curso!

☎ (62) 9 9188-6767

Goiânia - Goiás - Brasil

ACESSE:



InTeR

www.dialoguseditora.org/instituto-inter

Jan/Fev

Alistar McGrath
**PARA QUE
SERVE A
TEOLOGIA?**

Sabedoria, significado e beleza



Mar/Abr

**A TRINDADE,
AS ESCRITURAS
E A FUNÇÃO DO
TEÓLOGO**

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
TEOLOGIA EVANGÉLICA

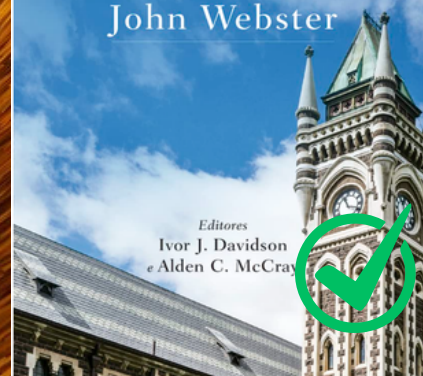
KEVIN J. VANHOOZER



Mai/Jun

A
CULTURA
da TEOLOGIA
John Webster

Editores
Ivor J. Davidson
e Alden C. McCray



Jul/Ago

O PASTOR
COMO
TEÓLOGO
PÚBLICO

Recuperando uma
visão perdida

KEVIN J. VANHOOZER
E OWEN STRACHAN



Set/Out

KEVIN J. VANHOOZER · JAMES K. A. SMITH
PETER J. LEIHART E OUTROS
ORGANIZADORES TODD WILSON & GERALD HIESTAND

**TORNANDO-SE
UM PASTOR
TEÓLOGO**



IDENTIDADE E POSSIBILIDADES PARA A LIDERANÇA DA IGREJA

Nov/Dez



Introdução à
**Teologia
Evangélica**

uma
análise
do tecido
teológico

RICHARD LINTS

VIDA NOVA

Clube

de

**Leitura
Teológica
2026**

Para quem é indicado?

- Para quem deseja se aprofundar no conhecimento teológico
- Para quem busca comunhão e diálogo teológico
- Alunos do InTeR
- Para quem quer desenvolver pensamento crítico

Conheça o
projeto!
Fale conosco
pelo WhatsApp

